

## REPENSANDO A LEITURA E A CIRCULAÇÃO DE POEMAS NAS REDES SOCIAIS

Kelly Geara Damaceno THUHA<sup>1</sup>

Luana FERRAZ<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo introduz uma reflexão sobre o modo como as redes sociais contribuem para que os poemas se tornem menos impopulares entre a faixa etária de 14 a 18 anos. Além disso, busca-se também compreender de que maneira o letramento literário pode ser beneficiado com o uso de dispositivos móveis. A abordagem ocorrerá por meio da análise dos modos de circulação da obra de Paulo Leminski entre os jovens, observando-se aspectos da relação entre as características da obra do autor e as maneiras como seus poemas são tratados nas postagens em redes sociais. Para isso, recortamos sequências discursivas do *Facebook*, que compartilham poemas do autor curitibano. Os pressupostos teóricos da pesquisa são os da Análise do Discurso de linha francesa: os conceitos de cenografia e *ethos* de Maingueneau (2005, 2006, 2008, 2010), as conjecturas de Jaqueline Authier-Revuz (1990) sobre heterogeneidade enunciativa, e por fim, as análises de Bauman (2008) e de Lipovetski (2007) sobre a contemporaneidade a partir da concepção de uma sociedade de consumidores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes sociais. Paulo Leminski. Análise do discurso. *Ethos*.

**ABSTRACT:** This article introduces a reflection on how social networks contribute to poems becoming less unpopular among the 14 to 18 age group. In addition, it also seeks to understand how literary literacy can benefit from the use of cellular. The approach will occur through the analysis of the modes of circulation of Paulo Leminski's work among young people, observing aspects of the relationship between the characteristics of the author's work and the ways in which his poems are treated in social media posts. For this, we cut out discursive sequences from Facebook, which share poems by the Curitiba author. The theoretical assumptions of the research are those of Discourse Analysis of the French line: the concepts of scenography and *Ethos* by Maingueneau (2005, 2006, 2008, 2010), the conjectures of Jaqueline Authier-Revuz (1990) about enunciative heterogeneity, and finally, the analyzes by Bauman (2008) and Lipovetski (2007) on contemporaneity from the conception of a consumer society.

**KEY-WORDS:** Social networks. Paulo Leminski. Speech analysis. *Ethos*.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN) e professora do Colégio Objetivo Alto Padrão de Franca. E-mail: [kellythuha.kdt@gmail.com](mailto:kellythuha.kdt@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: [luferraz22@hotmail.com](mailto:luferraz22@hotmail.com).

## Considerações Iniciais

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar, por meio da análise de cinco postagens extraídas da rede social *Facebook*, no período de 2015 a 2018, como o conteúdo e o estilo da obra de Paulo Leminski estão relacionados com o modo como esses poemas são postos a circular na rede social.

Das cinco postagens que fazem parte desse *corpus*, quatro tratam-se de *selfies*<sup>3</sup> (fotografia que alguém tira de si mesmo, comumente com o auxílio de um *smartphone* ou *webcam*) e a última é uma fotografia tradicional (em que uma outra pessoa realiza o registro). O fato de a maioria do *corpus* reunir fotografias tipo *selfie* diz muito sobre as condições de produção dessas postagens, afinal o gesto de se fotografar é diferente do autorretrato surgido no Renascimento. Nesse período, o artista retratava a si mesmo, descrevendo-se de uma maneira idealizada e, muitas vezes, inserindo-se em momentos históricos como personagem importante nos seus trabalhos. Como exemplo, podemos citar o Retrato de Arnolfini, obra de Jan van Eyck, produzida em 1434, já que o pintor é provavelmente uma das duas figuras que se vislumbra num espelho – um conceito surpreendentemente moderno para a época. Também não podemos deixar de destacar Albecht Dürer, o primeiro artista que fez do autorretrato a maior parte do seu trabalho. Atualmente, com a utilização de aparato tecnológico (*smarthphone*), a circulação da foto é bem maior, pois, normalmente essa imagem será divulgada nas redes sociais do autor da fotografia, com a intenção de obter reconhecimento na forma de curtidas e compartilhamentos.

Na sociedade atual, em que o sujeito se significa no e pelo espaço virtual, é essencial salientar que a *selfie* pode ser definida como o modo de significação do sujeito contemporâneo no espaço virtual, por meio da projeção de uma imagem positiva que o indivíduo faz de si mesmo. O autor da fotografia valoriza as características que ele julga positivas em si mesmo, com o objetivo de ser aceito socialmente, através dessa linguagem própria do espaço digital.

---

<sup>3</sup> “[...] o respeitabilíssimo Dicionário Oxford, o mais extenso da língua inglesa, anunciou que um novo verbete passaria a figurar em suas páginas: *selfie*, que reúne o substantivo *self* (eu, a própria pessoa) e o sufixo *ie*. Eis sua definição: ‘Fotografia que alguém tira de si mesmo, em geral com *smartphone* ou *webcam*, e carrega em uma rede social.’ Os responsáveis pelo Oxford informaram que o dicionário surgido no século XIX aceitou o novo verbete porque as citações a *selfie* cresceram 17.000% neste ano – mensalmente, um programa coleta mais de 150 milhões de palavras em publicações variadas e analisa a recorrência delas. O ingresso do termo no Oxford, no entanto, não é apenas fruto de uma estatística. É o reconhecimento de um fenômeno global. Tornou-se um gesto comum esticar o braço segurando o celular apontado para o rosto, e depois compartilhar a foto no Instagram, Facebook ou similares. O *selfie* pode revelar um estado de espírito ou ser um meio de autopromoção [...]”. In: SBARAI, Rafael. **Selfie é nova maneira de expressão e autopromoção**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/selfie-e-nova-maneira-de-expressao-e-autopromocao>. Acesso em: 25 nov. 2013.

## Um olhar sobre as imagens de si construídas pelos adolescentes no *Facebook*, sob a perspectiva da AD Francesa

A análise das formas de ser e estar do indivíduo do século XXI passam necessariamente pela compreensão dos seus comportamentos nas redes digitais. De acordo com Faila (2016), os brasileiros, que já preferiram a televisão, atualmente optam pelas redes sociais, especialmente na faixa de 14 a 29 anos. Isso posto, podemos tratar efetivamente das reflexões as quais nos propomos.

Figura 1 – Reprodução de *post* em perfil público do *Facebook*: Sintomas e Hematomas do Amor



Fonte: *Facebook*<sup>4</sup>

O primeiro *post* analisado traz um poema de Paulo Leminski no alto, em posição de destaque, acompanhado da foto de uma adolescente, tipo *selfie*. A adolescente é a fotógrafa e também a fotografada, aparecendo na imagem a partir dessas duas posições, a de modelo e a de produtora da fotografia.

Em relação à estética da foto, há um predomínio de cores em preto e branco. A partir dessa escolha da jovem, em divulgar a foto com um filtro em preto e branco, inferimos que ela pretendia realizar uma associação afetiva entre a imagem divulgada (escura, nublada) e o seu estado de espírito, de alguém decepcionado com as relações amorosas. Apesar disso, ela está de frente para a câmera, sustentando uma postura ativa, de alguém que, apesar de “machucado”

4

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1728376564101832&set=a.13783658557695731073741829.100007885145376&type=3&theater>. Acesso em: 15 mar. 2018.

pelas relações amorosas, superou os problemas e se encontra, atualmente, confiante. Corrobora essa afirmação o fato de que ela faz um gesto de positivo com a mão direita, enquanto realiza a foto com a mão esquerda. De acordo com as reflexões de Bauman, essa postagem está inserida em uma nova lógica de relação social, caracterizada pela divulgação de valores, atitudes e comportamentos positivos sobre si mesmo, a fim de garantir aceitação entre os grupos frequentados pela autora da postagem.

É perceptível um movimento de associação entre o que é dito no poema com aquilo que a adolescente diz de si. Quando o enunciado primeiro é retomado por outro enunciador, há uma apropriação inesperada dos sentidos do poema, pois evidencia um “batimento” entre os sentidos construídos no poema e os sentidos expressados por um enunciador adolescente que explora o discurso poético para a escrita de si, ainda que seja pouco provável uma adolescente trazer no corpo e na experiência de vida ainda tão curta, marcas muito sensíveis – sintomas e hematomas – da prática amorosa.

Ao tentar promover essa escrita de si, há uma tentativa do indivíduo de objetivar o eu que fala, caracterizando e definindo o sujeito por meio dessa narrativa do eu. A esse respeito, Foucault sustenta que a escrita de si constitui o próprio sujeito e constrói a noção de indivíduo. Ainda segundo o autor, a prática de escrever sobre si “é característica de um modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2009, p. 47).

Analisamos também a questão do *ethos*, afinal ele é mostrado no discurso por meio do modo de dizer do locutor; somado às representações que o auditório traz desse sujeito. Assim, ao associar a sua imagem ao poema de Paulo Leminski, a adolescente faz emergir um *ethos* de mulher experiente no amor. Ela reforça, enquanto oradora, traços verdadeiros ou não, com o objetivo de impressionar seu auditório e legitimar o que é afirmado, investindo-se de credibilidade e de confiabilidade. Ao encarnar uma voz que dará sustentáculo ao discurso, o enunciador, independentemente da veracidade do que diz, mostra uma atitude de autoridade, uma performance positiva, por meio da qual busca convencer o ouvinte e ser valorizado por ele.

As redes sociais, nesse sentido, permitem não somente compartilhar experiências vividas, mas também criar uma vida, afinal, no espaço virtual, a experiência divulgada é sempre perfeita e a felicidade constante. Por esse motivo, na análise da imagem, a adolescente se mostra altiva e confiante, apesar dos percalços que, supostamente, ela enfrentou em sua vida amorosa.

Isso fica claro quando notamos a apropriação narcísica do poema feita pela adolescente. Recontextualizados no *Facebook*, esses poemas ou excertos adquirem novos efeitos de sentido, bastante variáveis. Se a adolescente realmente possui “hematomas do amor”, somente postou uma foto quando deduziu que a imagem que projetaria de si mesma seria de uma pessoa que superou esses problemas, logo há uma preocupação com a imagem que se quer difundir/refletir para si e para os outros nessas águas virtuais. Esse narcisismo fica explícito quando notamos a maquiagem e o cuidado em divulgar a melhor versão de si mesmo para o outro através da tela do computador ou do *smartphone*.

Figura 2 – Reprodução de *post* em perfil público do *Facebook*: A vida é minha



Fonte: *Facebook*<sup>5</sup>

O segundo recorte do *corpus* é também constituído por um *post* em perfil do *Facebook*, compartilhado em modo público, e como na primeira postagem analisada, trata-se de uma *selfie*. A adolescente está, aparentemente, na área externa de um ambiente doméstico e se fotografa

<sup>5</sup>

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1641869519221299&set=p.1641869519221299&type=3&theater>. Acesso em: 17 fev. 2017

com a mão direita no cabelo. Diferentemente da estratégia utilizada no primeiro post, a *selfie* foi realizada em um lugar claro e iluminado, para ressaltar seu modo de dizer, por meio do qual ela destaca de forma positiva e benéfica a sua mudança estética. Toda a cenografia construída dá a entender que ela acabou de chegar de um salão de beleza, onde passou por um processo de clareamento nos cabelos. Isso fica claro também pelo uso das *hashtags* #mudei e #loira.

As *hashtags*<sup>6</sup> presentes na postagem apresentam-se como um elemento multifacetado que podem acrescentar sentido ao discurso de várias formas, expressando uma nova necessidade comunicativa que floresceu a partir das práticas discursivas emergentes. Tratadas como uma nova materialidade discursiva, elas consideram as relações interdiscursivas construídas a partir do seu uso e no *post*, especificamente, elas funcionam como um condensador de sentido, sendo utilizadas para acrescentar conteúdo semântico, auxiliar na construção do contexto e contribuir para a construção da identidade da usuária.

O uso dessas *hashtags* aciona discursos que remetem a um enunciador que realizou uma mudança, valorizando a sua autonomia e independência, já que ainda, de acordo com outra *hashtag* utilizada, ela afirma que é dona da própria vida (#avidadaminhavid) e não deve satisfações a ninguém (#pqsim). Nessa perspectiva, a ideia de renovação é tratada de forma positiva, à medida que a adolescente está (re)construindo a sua identidade com base em uma mudança estética, utilizando-se do aspecto simbólico que essa mudança traz.

Nesse momento da análise, encontramos traços da heterogeneidade constitutiva que não aparece no linear do discurso, é constituída por meio da presença do Outro. Ela ocorre quando o discurso é colocado em relação de alteridade, quando ele se constitui na e pela presença do Outro. Podemos indagar, portanto, a quem se destina a afirmação feita por meio da *hashtag* #pqsim da enunciativa? Quem ela pretende surpreender utilizando a *hashtag* #surpresa? De acordo com Authier Revuz (1990), a heterogeneidade constitutiva é a presença do outro no discurso de forma não mostrada, pois pertence à ordem do inconsciente. Ela constrói o discurso sociohistoricamente, está no seu exterior, atravessando as enunciações dos sujeitos. Além disso, a heterogeneidade constitutiva não é localizável, a presença do outro não é delimitada, sendo constitutiva tanto do discurso quanto do sujeito, pois não há discurso homogêneo, uma vez que ele também pertence ao outro.

---

<sup>6</sup> O uso das *hashtags* iniciou-se em 2007, na rede social *Twitter*, como um mecanismo que possibilita o agrupamento de mensagens em torno de um mesmo tema. É a junção do símbolo (#) – hash, em inglês – com uma tag, etiqueta, que podem ser siglas, palavras e até mesmo frases.

Notamos que as afirmações da adolescente são contraditórias a partir do momento em que ela se inscreve no discurso publicando um poema que fala de autenticidade (“ser exatamente o que a gente é”), mas só legitima seu dizer quando muda a cor do cabelo, ou seja, perde a originalidade e a autenticidade, deixando de ser “quem realmente é”.

Nessa perspectiva, novamente, há um movimento de associação entre o que é dito no poema de Leminski – a autoria do poema é atribuída ao poeta por meio da *hashtag* #leminski – com aquilo que a adolescente diz de si, afinal, ela dá visibilidade, por meio da escrita na postagem, à sua mudança e, conseqüentemente, à sua própria existência.

O *post* ajuda a construir uma identidade virtual – “endossada” pelos versos do poeta – de acordo com suas preferências e intenções, ocasionando, mais uma vez, uma mercantilização do indivíduo por meio da projeção de características demasiadamente positivas que vão ao encontro das demandas capitalistas, descritas por Lipovetsky (2007) como o desejo pela transformação que acontece com o corpo, dado o aumento do ímpeto de cuidar de si, devido ao culto estético do Eu, que valoriza a sensação íntima de beleza.

No momento em que toma a palavra, o enunciador imagina seu auditório e a maneira pela qual esse auditório vai percebê-lo. Nessa perspectiva, concluímos que a enunciativa compartilha o conteúdo com o objetivo de falar de si mesma e torna-se não só uma consumidora de objetos, mas também um objeto de consumo, já que quer ser admirada e reconhecida pelo outro pela sua coragem em mudar a aparência.

Figura 3 – Reprodução de *post* em perfil público do *Facebook*: Repara bem no que eu não te digo



Fonte: *Facebook*<sup>7</sup>

7

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2515173708751445&set=a.1471164446485715&type=3&theater>. Acesso em: 20 jan. 2018.

A convergência entre descrição e interpretação é fundamental para a Análise de Discurso Francesa. Assim, iniciaremos a análise da terceira postagem do *corpus*, partindo do princípio de que não há como descrever sem interpretar.

As redes sociais proporcionam uma nova maneira de significar e esses significados produzem outros dizeres a partir da interação virtual estabelecida entre os indivíduos e da exposição que eles realizam de si. Nesse sentido, associamos essa exposição a uma espécie de narração de si, que ressalta os pontos favoráveis e positivos sobre o indivíduo.

O sujeito se projeta para o outro de maneira a ser idealizado, evidenciando seus pontos vantajosos, a fim de ser valorizado. Com base nessa premissa, podemos deduzir que a enunciativa da postagem é uma adolescente que postou em seu *Facebook*, uma fotografia retratando um momento em que ela está “produzida”, talvez para um evento ou comemoração. Chegamos a essa conclusão, pois ela está usando maquiagem e trajando um vestido, peça de roupa geralmente utilizada pelas adolescentes quando pretendem se mostrar arrumadas.

A imagem compartilhada não se trata de uma *selfie*. Identificamos que a jovem “posou” para a fotografia: colocou as mãos na cintura e jogou o cabelo para o lado, de forma a parecer, a partir de seu entendimento, mais bonita e atraente, e dessa forma, tornar-se apresentável para uma sociedade que, de acordo com Bauman (2008), enxerga os sujeitos como uma mercadoria que possa ser vendida e adquirida. Ao se deixar fotografar, o indivíduo, como afirma Barthes (1984), deixa-se posar, fabrica-se, instantaneamente, um novo corpo. Há uma metamorfose que é anterior à imagem, ou seja, o indivíduo sabe que está sendo fotografado e busca criar, em sua pose, algo que remete a uma sumarização do seu “ser”.

Optamos por incluir nessa análise específica, as reações e comentários feitos na postagem, afinal eles validam o capital social que o enunciador pretende angariar com sua publicação. A postagem obteve trezentas e onze reações positivas e cento e trinta e seis comentários elogiosos, a exemplo dos retratados: “perfeitaaa”, “obrigada por fazer parte da minha vida”. Observem que a atitude de inserir vários “as” no fim da palavra perfeita tem a intenção de enfatizar o elogio, prolongando o efeito da palavra. Essa observação corrobora a opinião de Garbin (2009), que afirma que essa juventude:

é portadora também de uma linguagem própria, internáutica, abreviada, sincopada, cheia de códigos e sinais, uma espécie de ‘fala-teclada’ quase indecifrável para os não usuários da rede, na qual os jovens parecem expressar a sua preocupação com o ‘conteúdo’ da escrita, seja ela na Rede, em seus

poemas, em seus blogs, orkut, webzines, twitters, cadernos de escola, redações... (GARBIN, 2009, p. 33).

Além disso, os efeitos de sentido decorrentes da postagem são, muitas vezes, produzidos por meio desse processo de interação: publicação-curtida-comentário. Desse modo, a participação do coenunciador, em forma de comentários e curtidas nesse espaço de ação virtual, se torna primordial.

Inferimos também que a enunciativa não é a fonte de seu dizer, pois o seu discurso é heterogêneo e as palavras não são suas, são de um Outro. Conseqüentemente, os sentidos também são atribuídos por esse Outro. Assim, ao analisar a associação feita pela enunciativa entre a postagem e o poema, notamos que, intencionalmente ou não, utilizando da autonomia garantida pela internet, ela faz uma alteração na forma original do trecho de Leminski. Talvez, por esse motivo, ela tenha omitido a autoria do poema. Ela altera o verso “repara bem no que eu não digo” para “repara bem no que eu não te digo”. Ao inserir o dêitico “te” na enunciação, ela insere um Outro no discurso, pois adapta a fala do poeta, construindo um novo efeito de sentido, a fim de direcionar um recado a alguém específico. Segundo Authier-Revuz (1990), é papel do receptor identificar e interpretar a presença do outro no discurso, e isso ocorre por meio de índices como contexto histórico, social, econômico etc., afinal o Outro está presente de forma diluída no discurso.

Assim, a presença do Outro no discurso do sujeito, percebida na materialidade linguística do texto, caracteriza a heterogeneidade mostrada, definida por Authier-Revuz (1990) como uma representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso. Portanto, sob a luz dos estudos da autora, a questão do discurso passa a ser posta sob o signo da heterogeneidade.

Figura 4 – Reprodução de *post* em perfil público do *Facebook*: Você vai me ver com outros olhos ou com olhos dos outros?



Fonte: Facebook<sup>8</sup>

Compõe o quarto elemento dessa análise a postagem de uma *selfie* que retrata a imagem frontal da parte superior do corpo da enunciativa. Ela se retrata com uma expressão feliz, sorridente e convidativa, o que configura um *ethos* discursivo adolescente, caracterizado pela espontaneidade e vivacidade.

A análise dessa postagem revela um novo tipo de *selfie*: o registro feito em frente a um espelho, objeto que representa o olhar do sujeito sobre a imagem física e a consideração subjetiva da sociedade sobre ele. Se o momento de ver a imagem refletida no espelho era privado e particular, atualmente atinge uma coletividade, por meio do compartilhamento dessas fotos nas redes sociais. Esse tipo de registro realizado diante do espelho apreende o momento específico em que o indivíduo observa a si mesmo e, dessa forma, ajusta a imagem e a corrige, refazendo a fotografia até conseguir captar o aspecto desejado naquele contexto. Tais informações são endossadas pelo filósofo Gilles Lipovetsky (2007), quando ele afirma que existe, na sociedade atual, uma pressão para que o indivíduo supere a si mesmo e sinta-se bem, concomitantemente.

<sup>8</sup>

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1371815849501077&set=a.333758216640184&type=3&theater>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Diferentemente das outras postagens que analisamos, essa é mais “descontraída”, na medida em que a adolescente não utilizou maquiagem ou uma roupa diferente daquela que normalmente os jovens usam em seu cotidiano – ela usa uma camiseta cor de rosa simples, sem detalhes ou estampas. O cabelo está solto e não há nenhum detalhe para evidenciá-lo, como jogar para o lado ou utilizar um adereço. Também não houve grandes preocupações em alterar o ambiente para a realização desse registro, pois notamos uma toalha de rosto dependurada em segundo plano e detalhes evidenciados na foto, como a torneira e uma parte da pia deixam claro que a foto aconteceu em um banheiro.

Por meio desse aspecto de naturalidade, a autora da postagem legitima o seu dizer, enquanto realiza um batimento da imagem de si com o dito no poema, na medida em que ela interpela o coenunciador a mudar o seu olhar diante da observação da sua aparência. Tomar a palavra e se mostrar dessa ou daquela maneira é o que representa, como explica Maingueneau (2008b), a construção das imagens de si no discurso. Dessa maneira, os modos de dizer, ou melhor, de falar sobre si, são indícios essenciais na construção de uma imagem de si. Assim, quando solicita que seja observada com outros olhos, na verdade, ela pede para não ser julgada de acordo com o ideal de beleza vigente na sociedade (“os olhos dos outros”), que idealiza a magreza e normatiza o corpo feminino, criando um estereótipo de corpo ideal (re)publicado de maneira incessante nas publicações sobre moda, vestuário, onde podemos constatar que corpos esbeltos e magros são paradigmas inatacáveis e, por vezes, inacessíveis de beleza. O discurso que sugere naturalidade apresenta-se como um efeito de sentido, na medida em que permite que a adolescente tente persuadir o coenunciador a não realizar um julgamento sobre a sua aparência. E, nesse momento, evidenciamos o caráter argumentativo de todo funcionamento discursivo.

Portanto, é inevitável recorrermos à obra de Bauman (2008) para entendermos o resultado desse processo em que o indivíduo se torna mercadoria e precisa da aceitação dos outros em uma sociedade que não mais separa o público do privado, que trocou a intimidade pela aprovação social.

No que diz respeito à autoria, a enunciadora não a atribui a Paulo Leminski, apesar de citar um excerto de sua obra. O apagamento do autor gera novas formas de apropriação desses textos que antes eram lidos somente no campo literário e atualmente, nas redes sociais, sofrem atravessamentos e podem ser compreendidos de outras formas, com diferentes efeitos de sentido. Daí, concluímos que o efeito de sentido de um discurso depende de sua construção e

circulação. Assim, entendemos que, embora materialmente idênticos, os enunciados retirados da obra de Leminski e citados no *Facebook* e em outras redes sociais apresentam funcionamentos enunciativos diferentes, de acordo com a posição do enunciador e o suporte utilizado para a sua divulgação.

Figura 5 – Reprodução de *post* em perfil público do *Facebook*: Salve-se quem quiser, perca-se quem puder.



Fonte: *Facebook*<sup>9</sup>

Assim como as outras postagens analisadas neste artigo, essa também foi postada no perfil pessoal da adolescente, em modo público, na rede social *Facebook*.

A jovem é a protagonista da imagem, ocupando todo o espaço da foto. Ela realiza um registro do tipo *selfie* e elementos como a inclinação de seu corpo, o gesto de apoiar o dedo indicador da mão direita em sua boca e o recorte da foto permitem compreender a imagem como

<sup>9</sup>

Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1644509709115946&set=a.1396033010630285&type=3&theater>. Acesso em: 20 jan. 2017.

uma fotografia planejada (a pose a fim de transparecer e evidenciar o seu melhor ângulo), apesar do fato de ela estar vestindo uma camiseta simples e os cabelos estarem soltos sobre os ombros, sem enfeites ou adereços.

Nesse sentido, a referida imagem, apesar de tratar-se da postagem de uma adolescente, faz circular um sentido de sensualidade, em virtude da cenografia construída pela enunciativa: foto na cor sépia, de forma a acentuar a sua silhueta, imagem entrecortada, ou seja, uma parte do rosto e do corpo da adolescente não são retratados na imagem, dando um ar de mistério e ativando a memória de discursos relacionados à sensualidade. Analisando por esse viés, podemos citar os postulados de Orlandi, quando ela afirma que “todo dizer, na realidade se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (ORLANDI, 2003, p. 33). Logo, como já afirmamos anteriormente, não há um discurso neutro e a adolescente explora o seu discurso por meio de uma temática sensual.

Nesse caso, é interessante observarmos a escolha dos versos pela adolescente: “Salve-se quem quiser, perca-se quem puder”. Ao construir a cenografia de uma escrita de si – algo como um dizer de si, com o propósito de cristalizar uma imagem o mais próxima possível daquilo que ela leu no poema – propositalmente, por meio das palavras do Outro (no caso, o poeta), ela reafirma um *ethos* de rebeldia, característico da faixa etária. Lembrando que a noção de *ethos* discursivo está relacionada à construção da imagem de si por parte do enunciador durante a produção de seu discurso e que é através da cenografia que os efeitos de sentido em um texto tornam-se possíveis.

Vejamos também que a noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual ele pretende enunciar. Ela não se determina por si, sozinha. As cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas dentro dos gêneros discursivos. Entretanto, na *web* há um enfraquecimento da cena englobante e da cena genérica, já que não há gêneros do discurso pré-estabelecidos. Nesse sentido, a cenografia torna-se mais relevante na *web*. Em suas proposições, Maingueneau (2006, p. 253) diz que “a cenografia não é um procedimento, o quadro contingente de uma mensagem que se poderia transmitir de diversas maneiras; ela forma unidade com a obra a que sustenta e que a sustenta”. Dessa forma, têm-se a cenografia e podemos identificá-la de acordo com as indicações do enunciador.

A postura convidativa da adolescente na imagem reforça o dito de Bauman (2008) sobre a instrumentalização das relações sociais, afinal o indivíduo deve se promover da melhor maneira possível, pois antes de ser alguém, ele é uma mercadoria.

### **Considerações finais**

Durante o percurso da pesquisa que resultou neste artigo, realizamos uma breve análise sobre as práticas atuais de leitura e compartilhamento de poesia pelos adolescentes na rede social *Facebook*. Nossas reflexões acerca da escrita, leitura, linguagem e discurso nos espaços digitais tornaram-se cada vez mais relevantes no contexto histórico-social atual, ao percebermos o crescimento exponencial das interações dialógicas mediadas por suportes e gêneros digitais.

Com o aporte teórico de Dominique Maingueneau, Jacqueline Authier-Revuz, Gilles Lipovetsky e Zygmunt Bauman, empreendemos uma reflexão profícua por meio da análise de algumas postagens de registros que os adolescentes publicam de si na rede social *Facebook*, associadas a trechos dos poemas de Paulo Leminski, poeta curitibano cuja obra tem sido redescoberta, graças à divulgação das redes sociais. Verificamos também que determinadas características do estilo de escrita do poeta curitibano – oscilação entre o erudito e o coloquial, versos curtos e rápidos semelhantes ao haicai – interferem sobremaneira na identificação de sua obra com o público adolescente, afinal os versos extremamente coloquiais contribuem para a construção de um *ethos* discursivo adolescente, caracterizado pela rebeldia e irreverência. Especificamente, os escritos de Maingueneau possibilitaram o entendimento de que, por meio da cenografia (instituída pelo próprio discurso), o enunciador projeta um *ethos* responsável por garantir que o coenunciador compartilhe de seu mundo ético.

Nossas análises, com base nos estudos de Jacqueline Authier-Revuz sobre heterogeneidade enunciativa e suas diversas nuances, também possibilitaram que percebêssemos os efeitos da presença das múltiplas vozes no discurso, corroborando a ideia de que não há um discurso neutro ou homogêneo.

Ao relacionar os atos de ler e escrever nos diferentes suportes nos quais eles podem acontecer e inferindo que todo texto vive uma pluralidade de existências, concluímos que a rede social *Facebook*, por tratar-se de um suporte diferente do livro físico, projeta leitores e autores distintos e, eventualmente, produz novos sentidos para o texto, contribuindo, sobremaneira, para a circulação de poemas entre os jovens, ainda que esses usuários adolescentes estejam

procurando, através da associação de sua imagem com o dito no poema, reconhecimento e visibilidade. Essa questão mostrou-se pertinente para as análises discursivas desenvolvidas e levou a resultados que indicaram que, nos *posts* analisados, a inserção dos poemas de Paulo Leminski contribuiu para que pudéssemos notar um efeito de “vitrine de si mesmo”, que nada mais é do que a busca pela autopromoção, que leva à aceitação do grupo no qual o adolescente pretende se inserir.

Na esteira do pensamento de Bauman (2008), teórico que ofereceu subsídio ímpar para este trabalho, entendemos que os indivíduos são condicionados pelas características do discurso virtual e os consumidores tornados mercadorias declinam gradualmente em sua capacidade de dar e receber amor, amizade ou mesmo empatia, tornando-se eles próprios “produtos” a serem consumidos. Há uma busca por um poder imaginário na única forma de “integração coletiva” que lhes é permitida dentro desse novo processo de conexão entre pessoas: o digital. Além disso, a revisão bibliográfica da obra de Bauman e de Lipovetsky apresentou reflexões importantes sobre o lugar do consumo no mundo contemporâneo e sobre a mercantilização do indivíduo nas redes sociais.

Percebemos, no decorrer de nossas análises, que o uso dos dispositivos móveis (*smartphones, tablets*) influencia positivamente a difusão de poesia e o letramento literário entre os jovens, já que essa geração “multitelas”, os “nativos digitais”, tem mais familiaridade com a tela do que com o livro físico.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, IEL, n. 19, p. 25-42, 1990.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BARTHES, R. **A câmara clara. Notas sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2009.

GARBIN, M. E. Participação juvenil nas escolas. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Salto para o futuro. Ano XIX, boletim 18, p. 20-40, nov. 2009.

LEMINSKI, P. **Caprichos & relaxos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. Estado, mercado. Quem manda na arte? In: **Ensaio e anseios críticos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Da leveza**: Para uma civilização do ligeiro. Lisboa: Edições 70, 2016.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Diversidade dos gêneros discursivos. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros**: reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALEUFMG, 2004, p.43-57.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 68-92.

\_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008b.

\_\_\_\_\_. Hipergênero, gênero e internet. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Frases sem texto**. Trad. Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

OLIVEIRA, A. A Construção Social do Eu através da experiência nas Redes sociais – **Hipermodernidade, Leveza e Adolescência**. *Comunicando*, 7(1), 61-87, 2018.

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**. São Paulo; Campinas, SP: Cortez/Ed. UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

ARTIGO RECEBIDO EM 12/01/2020

ARTIGO ACEITO EM 11/05/2020